

REPRESENTATIVIDADE FEMININA NA UFPEL: DA GRADUAÇÃO À LIDERANÇA

RAFAELA DO CARMO BORGES¹; ETHEL ANTUNES WILHELM²; FLÁVIO FERNANDO DEMARCO³; MÁRCIA FOSTER MESKO⁴;

¹Programa de Pós-Graduação em Epidemiologia - rafaelac.borges@outlook.com

²Programa de Pós-Graduação em Química - ethelwilhelm@yahoo.com.br

³Programa de Pós-Graduação em Epidemiologia - ffdemarco@gmail.com

⁴Programa de Pós-Graduação em Química - marciamesko@yahoo.com.br

1. INTRODUÇÃO

A desigualdade de representação das mulheres nas carreiras científicas, especialmente nas áreas STEM (sigla em inglês para Ciência, Tecnologia, Engenharia e Matemática) é uma situação presente tanto em economias avançadas quanto em desenvolvimento. Esse desequilíbrio continua sendo um desafio para educadores e formuladores de políticas públicas. Dados de 2013 do governo dos Estados Unidos indicam que, embora a força de trabalho do país fosse composta por 46% de mulheres, elas ocupavam apenas 27% dos cargos em ciência e engenharia, e apenas 12% especificamente na engenharia (BOLZANI, V., 2017). Em 2019, as mulheres representavam 35% da força de trabalho em áreas STEM e os salários eram consistentemente mais baixos que os dos homens. Mesmo fazendo parte de quase metade da força de trabalho dos Estados Unidos, mulheres ainda são sub-representadas em áreas STEM - embora tenham tido ganhos - de 8% em 1970 a 27% em 2019. Homens representam 52% da força de trabalho entre todos os trabalhadores e representam 73% na área STEM. (MARTINEZ, A.; CHRISTNACHT, C, 2021)

Em 2017, um relatório divulgado pela Elsevier apresentou os ganhos na presença feminina nas últimas duas décadas em algumas regiões do mundo como: Estados Unidos, União Europeia, Reino Unido, Canadá, Austrália, França, Brasil, Japão, Dinamarca, Portugal, México e Chile (HUYER S., 2015). Nesse relatório foi divulgado que a Bolívia e a Venezuela apresentaram maiores proporções de mulheres entre os pesquisadores, 63% e 56% respectivamente, enquanto a República da Coreia e o Japão apresentaram as menores proporções: 18% e 15%. Em alguns países da Europa, como Holanda, França e Alemanha, a proporção de mulheres na pesquisa foi em torno de 25%. Além disso, mulheres têm maior representatividade em áreas da saúde e ciências da vida (plantas, animais, seres humanos), e menor representatividade em engenharias e ciência da computação (HUYER et al., 2015).

Segundo Ramos et al. (2015), as mulheres não seguem suas carreiras de forma linear por motivos pessoais, como a maternidade, e existem diferenças entre os gêneros no manejo de tempo entre a vida pessoal e profissional (RAMOS et al., 2015). Em geral, as mulheres são maioria em níveis de graduação e pós-graduação, mas não em cargos mais altos (VENTURINI, A.C., 2017). No Brasil, as bolsas de Produtividade em Pesquisa (PQ) são concedidas pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) para pesquisadores que demonstram relevância científica distinta. Porém, em 2011, apenas 37,2% das mulheres tinham uma bolsa PQ referente ao início de carreira e apenas 22,3% das mulheres recebiam as bolsas nível 1A, de maior prestígio. Em 2015, essa proporção aumentou para 24,6%, porém ainda é baixa

(VENTURINI, A.C., 2017; BOLZANI,V. 2017). Segundo Guedes et al. (2015), as áreas mais contempladas com essas bolsas são as Ciências Exatas e da Terra e Engenharias, que são áreas que possuem menores proporções de mulheres, perpetuando a disparidade feminina(GUEDES et al, 2015).

Oliveira et al. (2021) avaliaram dados de bolsistas de produtividade em 2020 e encontraram que entre os bolsistas nível 1,65 % eram homens e 35% mulheres, destacando uma menor presença de mulheres em níveis mais elevados. Porém,esses dados mais recentes também apontam uma menor desigualdade comparado a gerações anteriores (principalmente em bolsistas nível 2). Autores destacam que há mais mulheres em áreas com menos bolsas e há mais homens em áreas com menos bolsas, o que significa que a menor participação das mulheres nas bolsas de produtividade se explica em parte pela menor presença delas nas áreas que mais recebem bolsas, o que perpetua a desigualdade de gênero no sistema. Isso pode ser entendido como uma estrutura que perpetua a exclusão das mulheres nas áreas que recebem mais financiamento e visibilidade para pesquisa e divulgação científica, especialmente em um cenário emergente no CNPq, que prioriza a delimitação de áreas estratégicas (OLIVEIRA et al, 2021). Neste contexto, este estudo teve como objetivo avaliar a proporção de mulheres em diferentes níveis acadêmicos da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) através de dados coletados em 2023 referentes a 2022.

2. METODOLOGIA

O projeto Mulheres na Ciência: Parceria UK-Brasil para equidade de Gênero 2022-2023 teve o objetivo de reunir três universidades líderes no Reino Unido: *King's College London* (KCL), *University College London* (UCL) e *Glasgow Caledonian University* (GCU); e quatro universidades brasileiras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), Universidade Federal de Pelotas (UFPEl) e Feevale, todas localizadas no estado do Rio Grande do Sul, para realizar a coleta de dados relacionada a proporção de mulheres nas universidades com foco nas áreas de Ciência, Tecnologia, Engenharia e Matemática (STEM). A coleta de dados nas universidades foi realizada entre junho e dezembro de 2023, por meio de dados abertos disponibilizados pelo website: <https://dados.ufpel.edu.br/dataset> .Para complementar as informações e obter dados que não estavam disponíveis, foram enviados e-mails para setores específicos da universidade. Esses setores incluíam a Pró-Reitoria de Gestão de Pessoas e a Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação. Os dados foram extraídos no formato de planilha de excel e foram apresentados a proporção de mulheres nos cursos de graduação e pós-graduação, em cargos de professores e funcionários; a proporção de mulheres em cargos de chefia de departamento e diretoria; proporção de mulheres em vice-reitoria e reitoria entre 2002 e 2022; e a proporção de mulheres pesquisadoras bolsistas de Produtividade em Pesquisa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (PQ-CNPQ) no momento da coleta.

Os dados foram classificados por área CAPES e cada área foi dividida em STEM ou não-STEM. As áreas consideradas STEM foram: Ciências Agrárias, Ciências Biológicas, Ciências da Saúde, Ciências Exatas e da Terra, Engenharias e alguns cursos multidisciplinares: Biotecnologia (graduação e pós-graduação), Gestão Ambiental (graduação); Ciências Ambientais, Ensino de Matemática, Ensino de Ciências e Matemática e Ensino de Filosofia (pós-graduação). Já as áreas não-STEM são: Ciências Sociais Aplicadas, Ciências Humanas e Linguística, Letras e Artes.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

No ano de 2022, a UFPEL contou com 17.060 estudantes, sendo 13.761 alunos de graduação, 1.348 de mestrado e 1.403 de doutorado, além de 548 alunos de pós-graduação *lato sensu*. Ainda em 2022, existiam 4.034 professores e servidores técnico administrativos. Na graduação, 57,8% eram mulheres, e na pós-graduação (mestrado, doutorado e especialização) 59,0% dos estudantes eram mulheres. Quanto aos servidores, 57,8% eram mulheres, 51,7% professoras, 46,3% eram chefes de departamento e 27,3% diretoras (UFPEL, 2023).

A maior proporção de mulheres na graduação foi na área de Ciências da Saúde com 66,4% e a menor proporção foi na área de Engenharias com 39,7%, ambas áreas STEM. Em especializações *lato sensu*, a maior proporção de mulheres foi na área de Ciências Humanas, com 90%, seguida das Ciências da Saúde com 82,6%. No mestrado, as mulheres foram maioria em todas as áreas, exceto Ciências Exatas e da Terra, onde a proporção foi de 43,8%, com destaque para Ciências Biológicas que apresentou uma proporção de 79,1% de mulheres. No doutorado, as mulheres também foram maioria em quase todas as áreas, exceto duas: Ciências Exatas e da Terra (36,5%) e Engenharias (47,9%), com destaque para a área de Linguística, Letras e Artes com 80,7% na proporção de mulheres. Quanto a proporção de professores, as maiores proporções de mulheres estão nas áreas de Linguística, Letras e Artes (65,0%) e Ciências da Saúde (63,9%) e as menores proporções estão nas áreas de Ciências Agrárias (34,0%) e Engenharias (36,9%).

Segundo dados coletados em 2023 (CNPq, 2023), existem 160 professores com bolsas de Produtividade em Pesquisa (PQ) na UFPEL e apenas 60 destes são mulheres (37,5%). Professores na área STEM são 120, sendo 42 mulheres (35%). A maior representatividade feminina está nas áreas de: Ciências da Saúde (56,7%), Linguística, Letras e Artes (75,0%) e Multidisciplinar (66,7%). E a menor representatividade está na área de Engenharias, com nenhuma bolsista mulher, seguida pelas Ciências Agrárias (25,0%) e Ciências Exatas e da Terra (33,3%).

Além disso, existem 82 pessoas no cargo de chefe de departamento, onde 38 são mulheres (46,3%). A maior proporção feminina está na área de Linguística, Letras e Artes (87,5%) e a menor nas Ciências Biológicas (28,6%). Já quanto à direção, existem 22, sendo apenas 6 mulheres (27,3%). A maior representatividade feminina está na área de Ciências da Saúde (50,0%), porém não há nenhuma diretora nas áreas de Ciências Agrárias, Ciências Biológicas, Ciências Exatas e da Terra, Engenharias e na área Multidisciplinar.

Por fim, do total de 11 reitores que a universidade já teve, apenas 2 foram mulheres, representando 18,2%. E do total de 16 vice-reitores, 3 foram mulheres (18,8%). Considerando entre 2002 até 2022, que era o objetivo inicial do projeto, tivemos 4 reitores e 2 reitoras, o que representa 33,3% de mulheres no cargo, e tivemos 6 vice-reitores e 2 vice-reitoras, o que representa 25,0% de mulheres no cargo nos últimos 20 anos.

4. CONCLUSÕES

Mulheres são maioria em cursos de graduação e pós-graduação, independente da área.. Também são maioria entre os servidores e professores. Porém, são minoria em cargos mais altos como chefia de departamento, diretoria e reitoria. Além disso, também possuem menos bolsas de produtividade em Pesquisa (CNPq) quando comparadas aos homens. Em geral, as áreas CAPES com maior representação de mulheres são as Ciências da Saúde e Ciências Biológicas e a menor representatividade, em geral, está nas áreas de Ciências

Exatas e da Terra e Engenharias. Na figura abaixo observa-se um leve aumento de mulheres entre a graduação e mestrado em algumas áreas, mas nos seguintes níveis caem em proporção (com exceção das ciências agrárias entre mestrado e doutorado e das Ciências Exatas e da Terra entre doutorado e cargo de docência). Podemos observar que temos maiores proporções de alunas nos níveis de estudo, e essa proporção cai ao observar mulheres na docência e como bolsistas de produtividade, exceto na área de Ciências Exatas e da Terra, onde do doutorado para a docência observamos um aumento de mulheres e depois novamente temos uma pequena queda em bolsistas PQs. As questões críticas relacionadas à desigualdade de gênero devem ser continuamente medidas por meio da pesquisa, com objetivo de contribuir para a discussão e execução de iniciativas para colaborar com a equidade de gênero.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOLZANI, Vanderlan da Silva. Mulheres na ciência: por que ainda somos tão poucas? **Cienc. Cult.**, São Paulo, v. 69, n. 4, p. 56-59, 2017. DOI: <http://dx.doi.org/10.21800/2317-66602017000400017>

CNPQ. **Bolsas em curso**. Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, Governo Federal, Brasília. Acesso em 16 ago. de 2023. Online. Disponível em: http://plsql1.cnpq.br/divulg/RESULTADO_PQ_102003.curso

ELSEVIER. **Gender in the Global Research Landscape**. Elsevier, B.V., 2017. Acesso em: 16 ago. 2024. Online. Disponível em: <https://www.elsevier.com/insights/gender-and-diversity-in-research/research-landscape-2017>

GUEDES, M. DE C.; AZEVEDO, N.; FERREIRA, L. O.. A produtividade científica tem sexo? Um estudo sobre bolsistas de produtividade do CNPq*. **Cadernos Pagu**, Rio de Janeiro, n. 45, p. 367–399, 2015.

MARTINEZ, A.; CHRISTNACHT, C. **Women Are Nearly Half of U.S. Workforce but Only 27% of STEM Workers**. United States Census, 2021. Acesso em 10 out 2024. Online. Disponível em: <https://www.census.gov/library/stories/2021/01/women-making-gains-in-stem-occupations-but-still-underrepresented.html>

OLIVEIRA, A.; MELO, M.F.; RODRIGUES, Q.B.; PEQUENO M. **Gênero e desigualdade na academia brasileira: uma análise a partir dos bolsistas de produtividade em pesquisa do CNPq**. Open Edition Journals, 2021. Acesso em 10 out 2024. Online. Disponível em: <http://journals.openedition.org/configuracoes/11979>

RAMOS, A.M.G., CORTES, J.N., MORENO, E.C. Dancers in the dark: Scientific careers according to a gender-blind model of promotion. **Interdiscip Sci Rev.**, v. 40, n.2, p.182-203. 2015. DOI: [doi:10.1179/0308018815Z.000000000112](https://doi.org/10.1179/0308018815Z.000000000112).

UFPEL. **Organizações**. Portal de Dados Abertos UFPEL, Pelotas. Acesso em 23 de Mai de 2023. Online. Disponível em: <https://dados.ufpel.edu.br/organization>

UHLY, K. M.; VISSER, L. M.; ZIPPEL, K. S. Gendered patterns in international research collaborations in academia. **Studies in Higher Education**, v. 42, n. 4, p.760–782, 2015. DOI: <https://doi.org/10.1080/03075079.2015.1072151>

VENTURINI, A.C. A presença das mulheres nas universidades brasileiras: um panorama de desigualdade. In: **SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO 11 & 13TH WOMEN'S WORLDS CONGRESS**, Florianópolis, 2017. Anais eletrônicos. Acesso em: 16 ago. 2024. Disponível em: https://www.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1500230828_ARQUIVO_AnnaCarolinaVenturini_Texto_completo_MM_FG.pdf